

RESUMO

Prof.^a Dr.^a Marize Malta

Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Aprender a ver: modelos para o decorativo nas Obras Raras do Museu D. João VI

A decoração e seus objetos (decorativos) se inserem como relevante item na experiência visual oitocentista e se transformaram em mercadorias sujeitas à troca, inclusive troca visual, ampliando seus domínios e alcançando diversos espaços domésticos e educacionais.

As diferentes concepções do decorativo são partes integrantes do entendimento e explanação da cultura visual oitocentista finissecular. A arte decorativa não é apenas uma questão de terminologia, é igualmente fruto de desigualdades, hierarquias que, postas no tempo, estabeleceram posições relativas e concederam privilégios a determinados objetos e profissionais.

Pretende-se discutir como as artes decorativas e a decoração foram dadas a ler nas instituições de ensino artístico, resgatando publicações sobre o tema editadas em fins do século XIX e início do século XX, a partir do estudo do acervo constante nas Obras Raras do museu D. João VI. Esse material corresponde à boa parte dos livros dos tempos da Academia de Belas Artes e, após o estabelecimento da República, da Escola Nacional de Belas Artes, oferecendo um repertório de fontes bibliográficas com o qual professores e discípulos desenvolviam suas capacidades visuais e críticas.

Os manuais de decoração oitocentistas, como as academias e liceus, ofereceram outras maneiras de ver a arte e a cultura, alicerçados em uma nova cultura da visão – o olhar decorativo – que encontrou significativa expressão nos livros didáticos, por meio de seus discursos, suas materialidades e ilustrações. Diferentes imagens e textos sobre objetos e ambiências estabeleciam estratégias de representação do decorativo e colaboravam para criar um elo entre a expressão plástica da pintura e a materialidade espacial da arquitetura.

Longe de ser marginal, sem importância ou desconsiderada, a decoração estava presente na formação artística institucionalizada oitocentista, oferecendo repertórios de modelos, prescrições de criação da forma decorativa, receituários do fazer e do alcance de uma ambiência decorativa, lembrando que as noções sobre decoração não estavam cristalizadas, mas estavam sendo negociadas e ressignificadas na cotidianidade acadêmica.